

O presente estudo tem como objetivo verificar a percepção das consoantes plosivas do Inglês, em posição inicial de palavra, por aprendizes brasileiros. Tais segmentos são distintos na sua produção nos sistemas de L1 e L2, uma vez que têm diferente caracterização acústica em termos de *Voice Onset Time* (VOT): plosivas sonoras são produzidas com VOT negativo no Português Brasileiro (PB), e VOT zero na língua-alvo; plosivas surdas, porém, caracterizam-se pela produção com VOT zero no PB, e VOT positivo (aspiração) no Inglês. Vários fatores tornam a aquisição desses padrões de vozeamento da L2 problemática para o aprendiz brasileiro. O principal problema enfrentado por esse aprendiz, conforme previsto pelo *Speech Learning Model* (FLEGE, 1995) e pelo *Perceptual Assimilation Model – L2* (BEST & TYLER, 2007), está na dificuldade em distinguir esses padrões dos sistemas de L1 e L2, pois eles pertencem a um espaço fonológico comum; dessa forma, os fones da L2 são percebidos como variantes da mesma categoria da L1. Considerando-se, portanto, que o aprendiz não faz distinção entre esses padrões de vozeamento, ele tende a não produzir esses padrões na sua comunicação oral em Inglês, o que pode acarretar problemas tanto de compreensão quanto de inteligibilidade (cf. CELCE-MURCIA *et al.*, 2010). Constatada, assim, a importância da verificação do grau de percepção de plosivas do Inglês por brasileiros, este trabalho buscou fazer tal investigação com aprendizes em diferentes níveis de proficiência. Em um período inicial do estudo, os participantes foram submetidos a um teste de identificação, onde sua tarefa era apontar a consoante inicial da palavra-alvo, e uma tarefa de discriminação AxB, que contrastava palavras monossilábicas da L2 iniciadas por segmentos plosivos com diferentes padrões de VOT. Dentre os estímulos utilizados nos testes de percepção, além de plosivas com os três padrões naturais de VOT, estavam segmentos artificiais: plosivas aspiradas foram manipuladas, visando à redução do VOT, de modo que essas deveriam ser perceptualmente similares aos segmentos produzidos com VOT zero. Contudo, tais testes preliminares revelaram que, em primeiro lugar, os aprendizes eram altamente capazes de identificar consoantes com VOT padrão do Inglês; além disso, contrastando as categorias com o VOT zero natural e o VOT zero artificial (manipulado), verificou-se que os aprendizes eram capazes de discriminar esses padrões. Tal constatação levou a uma mudança de foco investigativo, e consequente reformulação dos testes. Nesta nova etapa, na qual as tarefas foram elaboradas por meio do software *Praat* (BOERSMA & WEENINK, 2011), o teste AxB passou a contar com novos contrastes, entre padrões de vozeamento naturais e artificiais. O teste de identificação, por sua vez, passou a questionar os participantes quanto ao grau de similaridade entre as consoantes produzidas nos estímulos (naturais e manipuladas) e aquelas típicas do falar nativo. Dessa forma, a nova metodologia empregada permitiu-nos verificar que, além do VOT, para os aprendizes brasileiros, outras pistas acústicas podem ser determinantes na distinção entre consoantes plosivas surdas e sonoras.